

# EDUCAÇÃO

20 FEV 1988

Revendo um  
velho problema  
brasileiro

JORNAL DA TARDE



Maria Luiza  
Penna:  
nada de novo  
no front  
educacional  
brasileiro.

20 FEV 1988

**P**ara quem julga que educação no Brasil é problema recente e requer elucubrações maiores às até agora feitas, ou mesmo soluções milionárias, freqüentemente incompatíveis com a economia do País, é um bom exercício a leitura de Fernando de Azevedo: *Educação e Transformação*, da Editora Perspectiva, de São Paulo. A autora Maria Luiza Penna mostra que não há nada de novo nesse front, uma vez que, pelo menos a partir dos anos 20, todas as dificuldades que resultaram na atual tragédia setorial brasileira já estavam latentes. E o que parece mais desencorajador: denunciadas e com sugestões metodológicas de superação, conforme a visão de um grupo seletivo de educadores, liderados pelo fundador da USP, desde o célebre *Manifesto da Escola Nova*, datado de 1932. Na prática, o primeiro documento importante de prevenção da educação nacional desde então deteriorada até o caos hoje observado.

O livro é a tese de mestrado em Filosofia pela PUC/RJ da atual embaixatriz em Washington, e mais um estágio em seu roteiro de intelectual: já foi editora nacional e internacional da José Olympio e é a tradutora de um notável romance de Harry James, *Os Papéis de Aspern*, lançado há 3 anos pela Global, entre outros trabalhos. A escolha de Fernando de Azevedo é produto de sua breve passagem pelo Departamento de Cultura do governo fluminense (1979/1980), então sob a direção do escritor Rubem Fonseca. O personagem, do qual Maria Luiza pouco conhecia e mais tarde virou especialista, foi sugerido pelo filho homônimo de um contemporâneo e partidário do mesmo idealismo de Azevedo, Alberto Venâncio, num tempo em que a autora andava "perplexa com os problemas da miséria da educação pública brasileira", a par de alguns dados estatísticos oficiais da repartição em que trabalhava. O produto desse conselho oportuno apareceu dois anos depois em forma de tese e vira livro agora, acrescido da biografia e de um perfil do focali-

zado, além de ilustrações. A exposição das idéias, do espírito de luta, da atração do educador pelo poder, a crítica que fazia de homens e instituições do seu tempo, estão aqui esboçados. Da mesma forma que a crítica da analista a uma série de "ambigüidades" de Azevedo que, a exemplo de sua geração, acreditava no autoritarismo e no Estado forte para implantar a receita que preconizava para a educação. A ressalva que faz, porém, é a de que se precisa entender a época em que ele viveu e os sucessivos contextos históricos que serviram de pano de fundo ao seu pensamento para entendê-lo melhor: a Revolução de 1930, o Estado Novo, a redemocratização e o ocorrido até meados dos anos 60, fases de sua mais importante produção intelectual.

**P**or ter feito isso à exaustão, ele o vê como alguém aberto, liberal, independente o bastante para ser criticado à esquerda e à direita, e ter a coragem de se opor ao Estado sempre que discordou dos seus métodos. Exemplo: na gestão Prado Jr. ao tempo da velhíssima república, ameaçou demitir-se da Instrução Pública carioca ao constatar contratações "políticas" incompatíveis à sua área, ou no Departamento de Cultura, ao discordar dos métodos do Estado Novo no Ministério da Educação e Cultura.

"Ao tempo do meu trabalho no governo fluminense, cunhei a expressão planejamento, para classificar a horrível burocracia que domina a educação brasileira: ela vive de produzir papel, estatísticas pouco confiáveis e nenhuma solução", diz Maria Luiza, considerando que essa sistemática é a principal responsável pelo eterno reinventar da roda na dinâmica setorial. A seu ver, inclusive, "não há caminho, métodos e meios que já não estejam descritos na obra de grandes educadores nacionais — como

Azevedo ou Anísio Teixeira, entre outros —, que não possam ser reaproveitados". Só que as pessoas não lêem, repisam erros ou quando retomam velhas idéias o fazem como se fossem coisas originais.

O percurso de seu personagem é, pelo que diz, o de muitos intelectuais brasileiros: autodidata, educação religiosa a ponto de quase tomar votos, crítico literário, jornalista e professor, até encontrar na sociologia e no conceito da educação o verdadeiro destino a partir de reportagens que fez para *O Estado de S. Paulo* (A Educação na Encruzilhada, em 1926), mais tarde muito citadas num livro de Julio de Mesquita Filho, com quem fundou a Universidade de São Paulo, em 1934.

capitalistas avançados e que de tal generalização não devem ser excluídas nem escolas religiosas. "Agora mesmo, nos EUA, um padre sugeriu ao bispo a criação de uma escola só para crianças salvadorenhas e foi bastante incentivado, não sem ser antes prevenido de que o suporte disso caberia à comunidade católica local. Não pode, ou deve, ser diferente para nós." O investimento em crianças é essencial, segundo ela, repetindo Azevedo, porque a geração dos pais não se salva mais. O exemplo atual disso, reitera, são as estatísticas policiais que mostram traficantes pobres e analfabetos, que não sobrevivem além dos 35 anos, no confronto contínuo com a polícia.

As folgas que têm na rotina social da vida diplomática de Washington, Maria Luiza aproveita para colocar em ordem a correspondência de seu pai, Luís Camilo Penna, fundador da UDN e signatário do *Manifesto dos Mineiros*, parte do arquivo que já doou à Fundação Casa de Ruy Barbosa. Descendente do ex-presidente Afonso Penna, ex-cunhada do cineasta Glauber Rocha, casada com o embaixador brasileiro nos EUA, Marcílio Marques Moreira, mãe de três moças — a caçula é caloura da Universidade George Washington —, Maria Luiza reúne suas experiências num diário, que no futuro pode transformar-se num precioso e bem-humorado documento sobre o mundo diplomático no mais efervescente cenário político contemporâneo.

Por enquanto, contudo, ela gostaria que a obra de Fernando de Azevedo fosse revista e entendida na origem, ou através de seu livro, por quem tem responsabilidades setoriais no Brasil. E que a educação nacional fosse declarada também "área de calamidade pública", a exemplo do que ocorreu com Goiânia após o acidente radioativo, já que os resultados do desastre, numa e noutra área, são semelhantes. "É triste constatar que só porque não dá voto a curto prazo, educação não parece ser um problema político nesse país, quando é, de longe, o mais sério entre todos."

BEATRIZ MARINHO